

Eixo Temático

1. Educação no Campo e Movimentos Sociais

Título

PROCESSOS EDUCATIVOS NA MÍSTICA DA PEDAGOGIA DA TERRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA SÃO CARLOS

Autora

Flávia Camila Gomes

Instituição

Universidade Federal de São Carlos

E-mail

flaviacgomes84@gmail.com

Palavras-chave

Mística; Pedagogia da Terra e Formação Militante.

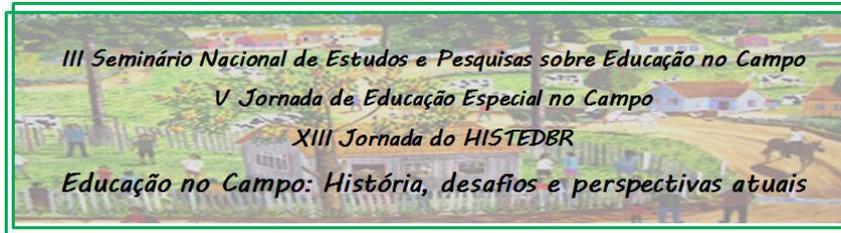
Resumo

O presente trabalho resulta de uma pesquisa desenvolvida na disciplina de Práticas Sociais do curso de Pedagogia. O objetivo foi a análise dos processos educativos presentes na Mística da Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos e a relação desses no fortalecimento da militância. Foram realizadas inserções registradas em diários de campo e pesquisa sobre os conceitos envolvidos na prática. Após a análise, considera-se tal prática social um importante elemento na formação da identidade e militância, fortemente atrelada ao projeto de educação e sociedade almejado.

Texto Completo

O presente trabalho se originou a partir da aula "Práticas sociais e processos educativos", ministrada pela professora Dra. Carolina Pichetti no curso de Pedagogia, turma noturna, 1º semestre de 2015. A disciplina propunha a escolha de uma prática social para a realização de inserções, com o objetivo de analisar os processos educativos ali presentes.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



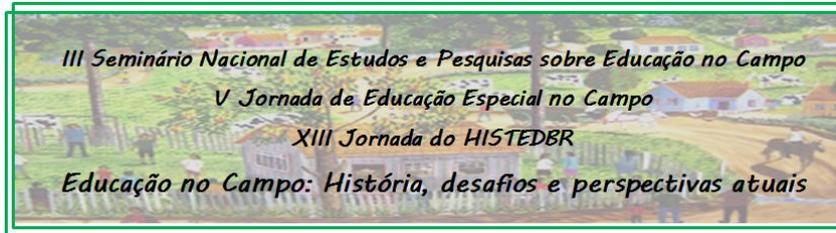
A prática social selecionada foi a Mística, presente no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), com a qual tive contato por meio dos(as) estudantes da Pedagogia da Terra da UFSCar. O projeto de pesquisa tinha como objetivo aproximar-me da prática da Mística nesse grupo e verificar o fortalecimento da identidade enquanto sujeito pertencente ao Movimento, continuidade da militância e luta nas quais tais sujeitos se colocam. A partir da imersão na realidade da prática, relatada por meio de diários de campo elaborados após cada inserção, ampliaram-se consideravelmente as questões para entender prática social da Mística e os valores e processos educativos ali engendrados.

O contato com o grupo da Pedagogia da Terra desta universidade se deu no segundo semestre de 2014, por meio da disciplina “Educação em Direitos Humanos”, prof. Dr. João Virgílio Tagliavini. Na oportunidade, aproximei-me de alguns estudantes da Pedagogia da Terra, que forneceram informações sobre articulação do Movimento e por que se colocam em luta contra as condições impostas pelo sistema vigente. Foram muitas histórias, nas quais discussões mesclavam a leitura de direitos garantidos em leis a depoimentos nos quais a privação de direitos, o abuso moral e as injustiças eram a tônica.

As práticas sociais são geradoras de processos educativos, que podem levar a diferentes direções no sentido de interpretação e expressão de mundo, assim como modos de agir. Tais processos podem ter maior ou menor grau de planejamento e intencionalidade esclarecidos, contudo incidem sobre a formação daqueles que as compõem. Portanto, são práticas dos sujeitos, que, numa relação dialética, transformam a partir de suas necessidades, mas também pelas práticas vão sendo transformados.

Tomando as práticas sociais como respostas a necessidades oriundas da convivência humana, reconheceu-se a potencialidade da Mística enquanto processo formativo. Ela é reconhecida pelos sujeitos que dela participam como uma prática que embasa uma Pedagogia do Movimento.

Nesse sentido, vale ressaltar um dos episódios vivenciados em uma inserção. Numa conversa com três pessoas após a Mística, surge o tema da violência das reintegrações e da estigmatização social. Pergunto-lhes porque não desistem, e, como resposta, explicam-me que se parte do movimento é não pensar em si apenas, porque



existe todo um projeto de formação política das pessoas para que elas possam desenvolver a questão da pertença. E a Mística é importante para isso, pois é processo de ânimo da memória e da História, para que não se esqueçam por que lutam. Essa é uma das referências trazidas nas falas do Núcleo Roseli Nunes, grupo responsável pela organização da Mística na Pedagogia da Terra da UFSCar.

Apesar de oriundos de diferentes Movimentos, (como MAB, FAF e FERAESP), a prática da Mística os fortalece no auto-reconhecimento do que os une: a via campesina, tornando mais significativo o que os iguala, o trabalho e meio para sua produção. Sendo a Mística uma prática que surge no MST, uma das formadoras do Movimento apontou que pode haver reserva das pessoas de outros Movimentos em participar. Mas, com a convivência a prática passa a ser significativa e até mesmo difundida em outros espaços.

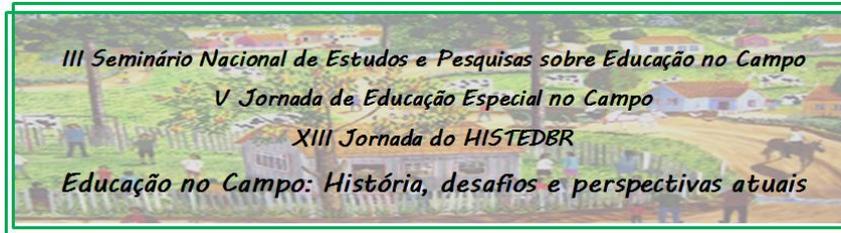
Muitas vezes, ocorre nos próprios assentamentos o distanciamento da prática da Mística, conforme relataram-me, e a experiência com o grupo da Pedagogia da Terra busca resgatar esse elemento formativo por sua importância na constituição e fortalecimento da militância.

Consideram-se, portanto, os sujeitos ativos na prática social escolhida, tomando como ponto de partida a ideia de participação consciente desses sujeitos que assumem, na continuidade da Mística, uma forma de resistência, de reafirmar seu posicionamento de mundo enquanto militante.

O espaço¹

O curso da Pedagogia da Terra oferecido pela UFSCar, em parceria com o INCRA e o Pronera, está na sua segunda turma. A divulgação e seleção dos estudantes é feita em parceria com movimentos sociais, INCRA e Pronera. Em consonância com as propostas de formação do movimento, o curso é dividido em períodos concentrados de aulas teóricas, em torno de 60 dias no período integral, e o restante do semestre no tempo-comunidade, no qual há um conjunto de trabalhos articulando teoria e prática.

¹ Informações retiradas do site <http://www.pedagogiadaterra.ufscar.br/movimentos-sociais>, Bogo (2003a) e das conversas que tive ao longo das inserções.



Durante a estadia para as aulas teóricas, estudantes recebem apoio como alojamento, alimentação e monitoria por formadores que participam do MST.

A prática social

De acordo com leituras referentes às bases do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, a Mística tem suas origens na espiritualidade e se entrelaça com a formação do MST e sua evolução. É também instrumento de construção e fortalecimento de valores e da ideologia dos Movimentos em que é uma prática. Bogo (2003b) destaca que suas origens estão relacionadas à contemplação, oriunda do próprio fazer camponês com a produção de alimentos junto à natureza, à adoração, oriunda das bases religiosas que apoiaram o surgimento do MST, e aos sons, gosto por diferentes cantos, sejam produções humanas ou da natureza.

Trata-se de uma atividade tão importante quanto as outras no Movimento (como ocupação e formação), tendo, inclusive, um grupo que se responsabilize por ela (BOGO, 1998) e observe os objetivos do encontro para elencar seus elementos (BOGO, 2003b). Durante as inserções, foi possível entender esse processo pela própria organização da turma da Pedagogia da Terra. Vivendo em um alojamento conjunto, organizam-se em núcleos para realização de todas as tarefas necessárias, sejam cotidianas de manutenção do espaço, ou sociais, como reuniões constantes para decisão e avaliação, projeção para o semestre seguinte. O núcleo responsável pela Mística e Noites Culturais é o Núcleo Roseli Nunes.

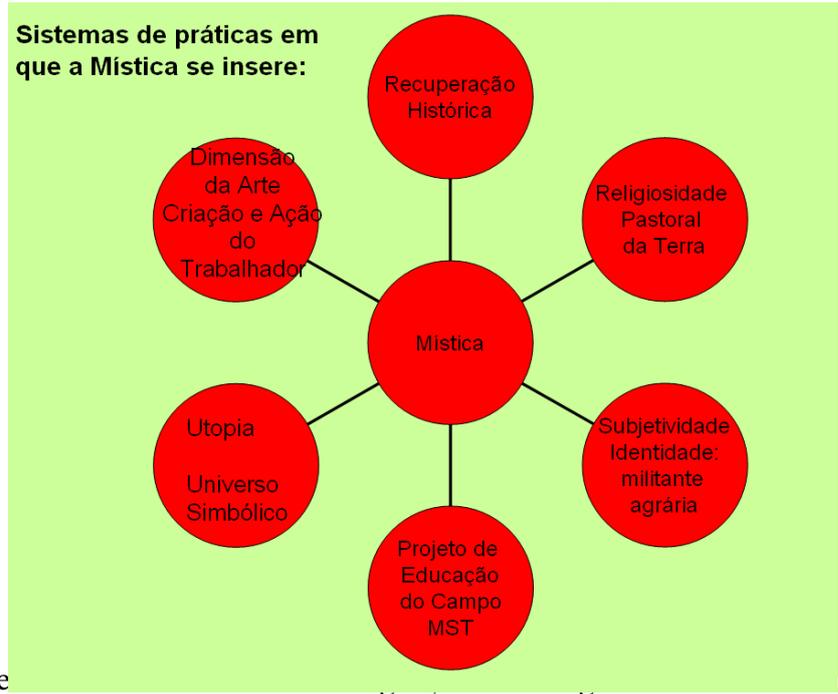
A Mística pode ser descrita como um momento no qual são elencados elementos artísticos, históricos, cotidianos que se relacionam com a vida e história dos trabalhadores do Movimento. Nesse contexto, esses elementos assumem nova perspectiva, levantando triunfos e perdas, promovendo memória, ânimo à luta e o cultivo das virtudes práticas (PELLOSO, 1998; BOGO, 2003a). Podemos destacar algumas partes que podem compor a Mística: ornamentação, encenação, declamações, imagens, canto, tudo permeado pelos símbolos do Movimento. Durante as inserções, um dos pontos destacados pelos participantes foi a subjetividade, um momento que se pode extravasar a rudeza da luta e também de que, ao participar desse processo criativo, da seleção e leitura de poemas, músicas, estabelecer um enredo, uma ornamentação, o trabalhador pode se ver enquanto protagonista de um processo cultural e não apenas um

mero consumidor, como ideologicamente é inculcado. Uma definição incisiva foi "Mística é o espaço que o Sem-terra tem para mostrar o que sente e o que quer e onde quer chegar".

Além da dimensão coletiva, a Mística também deve ser cultivada no âmbito pessoal e cotidiano das pessoas, como elemento na busca pela coerência com “a memória, com a política e com a moral” (BOGO, 2003b, p.315), de modo a alimentar sempre a utopia e clareza do que motiva e quais os valores da luta.

Trata-se, portanto de uma prática complexa. No intuito de não perder da perspectiva inicial e orientar a discussão, a partir dos diários de campo, foi organizado o seguinte organograma-síntese sobre a Mística e as práticas sociais nas quais se insere, de acordo com os aspectos apreendidos:

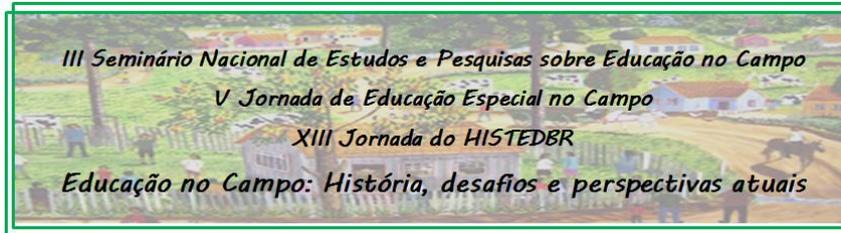
Figura 1. Organograma-síntese dos apontamentos das pessoas da Pedagogia da Terra sobre a Mística ao longo das inserções.



Tais ele... realizadas teóricos/culturais:

Recuperação Histórica

A fundação do MST em 1979 está profundamente ligada à conjuntura três elementos: reabertura democrática ensejada; recusa dos camponeses frente ao êxodo



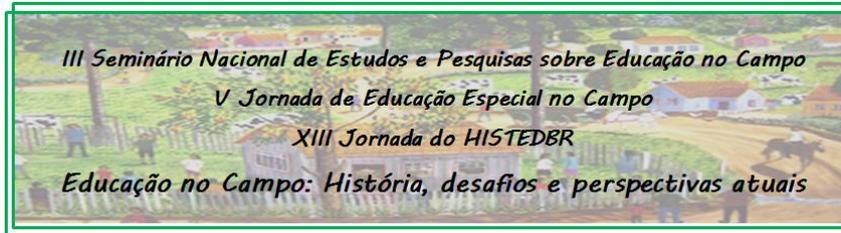
rural que os levaria a periferias e exclusão social; trabalho pastoral da igreja luterana e da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), vinculada à Teologia da Libertação, ramificação progressista da igreja católica (STÉDILE, FERNANDES, 2012).

A condição histórica é de suma importância, pois, como aponta Comerlatto (2010), movimentos sociais só fazem sentido no Estado Liberal de Direito moderno. É a cobrança para que se cumpra a promessa da Igualdade, Liberdade e Fraternidade sob a qual nasce esse Estado, no qual a lei deveria ser a via para a igualdade e o que racionalizaria a liberdade. Portanto, em condições de Estado de exceção, privados da democracia, como foi o caso do Brasil ao longo da ditadura, torna-se difícil a luta orgânica por direitos.

Se hoje há o Estado democrático, a orientação Neoliberal na qual vivemos, contudo, desloca a Liberdade de valor humano a um âmbito da vontade pessoal (COMERLATTO, 2010). Assim, alia Liberdade ao caráter meritocrático difundido em nossa sociedade, que retira o sujeito das condições históricas e materiais de vida e forja um discurso de Igualdade, independente das mesmas. Dessa forma, a responsabilização por êxito ou fracasso recai exclusivamente sobre o indivíduo e desconsidera os contextos e mesmo o direito à propriedade é contestado quando se interpõe interesses do grande capital. Um exemplo concreto dessa prática foi levantado durante uma das inserções. As lutas do MAB (Movimento de Atingidos por Barragens) procuram manter as pequenas propriedades, defendendo sua cultura e modo de vida, ameaçados pela desapropriação. É necessária a reflexão sobre a quem está garantido à dignidade da propriedade, já que a resistência no MAB é para não perder o que as famílias já têm.

E perder para quem? Para ações do Estado em favor de interesses do grande capital, posto que a argumentação dos benefícios comuns como justificativa às desapropriações não desvela o conflito de interesses de outras forças detentoras de poder em nossa sociedade. Afinal, por que a desapropriação é tão justificável em pequenas propriedades rurais, ainda que produtivas sob orientação de agricultura familiar², mas tão difíceis em latifúndios improdutivos?

² De acordo com Comerlatto (2010), a agricultura familiar é ainda a principal responsável pelo abastecimento interno de produtos alimentícios, ou seja, “a garantia de alimento na mesa do brasileiro ainda é feita através da pequena propriedade familiar.” (p. 60)



Faz-se a substituição da dignidade da pessoa humana pela “dignidade da propriedade [... e] Criminosos são aqueles que tentam sobrepujar o direito da propriedade privada, por qualquer outra causa que seja” (COMERLATTO, 2010, p.42). Não se discutem, no entanto, as condições sob as quais tão poucos possuem muito enquanto a maioria pouco ou nada tem. A solidariedade é sustentada exclusivamente com os pares que se mantêm no poder e os interesses privados sobrepujam o bem comum/ termo de igualdade de fato (COMERLATTO, 2010).

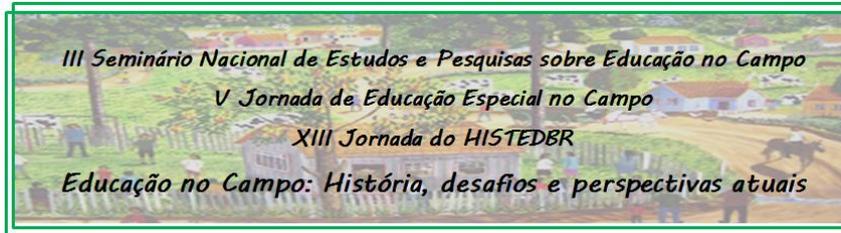
A recuperação histórica se constitui, dessa forma, como luta contra-hegemônica, por trazer à luz o sentimento de pertencimento à vida campesina, do sentido que a terra assume para pessoas que têm suas raízes na vida agrária. Para além das condições materiais, a própria lógica das relações das pessoas que estão em risco na perda da terra: a resistência diante dessa força que provocaria seu desenraizamento de sua forma de viver e de estar no mundo.

Nessas circunstâncias, os movimentos sociais surgem para questionar o estado das coisas e conclamar transformações. O MST tem como causa: "libertação do proletariado", considerando os caminhos para atingi-la "reforma agrária e socialismo", as formas para chegar a eles seriam as lutas e busca pelo poder, sendo este conquistado por meio de "toda a prática em diferentes setores" (BOGO, 1998, p.15).

Diante da incerteza de continuidade nas relações de poder por conta de pressões que movimentos sociais tendem a gerar, as classes hegemônicas tomam como estratégia a manipulação discursiva, midiática e mesmo histórica. Isso no sentido de reproduzir uma ideologia de naturalização das condições de classe dentro da ordem e criminalização dos movimentos, além da disseminação do medo e repúdio.

A Mística assume um papel importante como forma de não sucumbir a essa estratégia hegemônica, pois retoma o caráter histórico do próprio Movimento: memória do surgimento e motivação da luta, dos êxitos e fracassos como estímulos a novas investidas. São tomadas as vidas reais das pessoas, delas são retirados os elementos que compõem a Mística, portanto é algo concreto e não relegado ao idealismo (BOFF, 1998).

Essa recuperação é importante frente à dificuldade em se preservar a tradição entre os filhos de assentados que, por não terem participado da luta, algumas vezes se



distanciam da militância e de práticas que a fortalecem, conforme ressaltou-se em algumas inserções. Como o curso da Pedagogia da Terra recebe tanto pessoas na luta, assentados e filhos de assentados, a Mística é um âmbito para recuperação de práticas que resgatem a tradição e a necessidade da luta, assim como as Noites Culturais. Muitas pessoas chegam ao curso e passam, a partir das discussões e práticas, a reconstruir o aspecto histórico do processo de luta e conquista da terra, além da necessidade de militância, dadas as condições em que tantos ainda vivem.

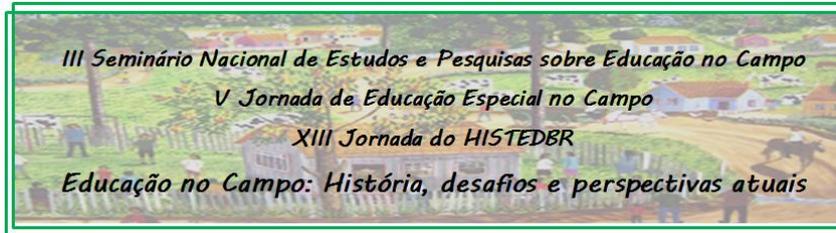
Religiosidade

A própria palavra Mística tem sua origem na religiosidade (BOGO, 1998; BOFF, 1998; COMERLATTO, 2010). É relacionada por Leonardo Boff (1998) ao Mistério, no sentido de que não é possível a adoção de um único referencial, no caso atual racionalista e técnico-científico, para buscar compreender a realidade. Para o autor, esse Mistério relaciona-se à condição humana e da vida, uma vez que sempre há o que se aprender sobre algo ou alguém. Sempre há o novo que pode ser descoberto e é o reconhecimento desse Mistério que nos possibilita o encantamento diante da vida e do outro, bem como vislumbrar novas perspectivas para a realidade, que se faz tão dura. Assim:

Mística não é, pois, o privilégio de alguns bem-aventurados. Mas é uma dimensão da vida humana, à qual todos têm acesso, quando descem a um nível mais profundo de si mesmos, quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante da riqueza do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do universo. Todos, pois, como num certo nível místicos (BOFF, 1998, p. 29).

No tocante à religiosidade, Boff (1998) e Comerlato (2010) apontam a Mística na tradição judaico-cristã com os profetas que trazem a denúncia sobre a opressão e na subversão. Representações dos oprimidos e da insatisfação com o estado das injustiças, mobilizadores da transformação.

Para Comerlato (2010), a Mística está ligada à espiritualidade que o MST aprendeu a cultivar com as igrejas e os símbolos iniciais, como a cruz, mostram essa profunda relação. Stédile e Fernandes (2012) também apresentam a compreensão de que



a construção da “unidade é a ideologia da visão política sobre a realidade e o uso de símbolos que vão costurando a identidade” (idem, p.134) foi aprendida com a igreja.

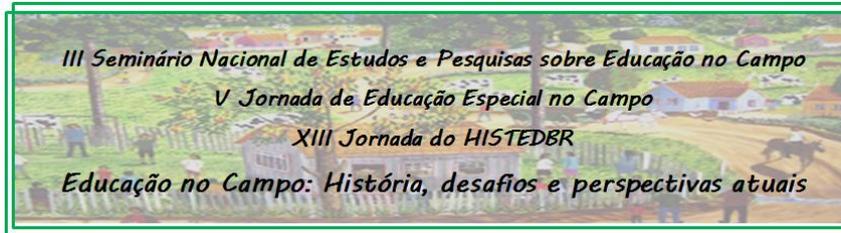
Porém, quando o Movimento trilha sua independência da igreja, a própria Mística mantém a espiritualidade, com a substituição de elementos, agora ligados ao trabalho com a terra e à construção história da luta. Numa relação dialética, a prática contribui para laicização do Movimento. Esse distanciamento foi observado durante as inserções, pois se há a espiritualidade no sentido de sensibilidade às relações humanas e a vivências coletivas, o viés adotado não é ligado a doutrinas religiosas.

Identidade agrária e militante

Para Stédile e Fernandes (2012), a resistência dos camponeses ao êxodo rural forçado com a modernização da produção agrícola está no cerne da formação do MST. Eram os ideais camponeses “resistir no campo e buscar outras formas de luta pela terra” (STÉDILE, FERNANDES, 2012, p.19). Vale destacar que esses camponeses, muitas vezes, não eram proprietários das terras nas quais produziam, viviam num sistema arrendatário ou como agregados.

A aliança ao projeto neoliberal à abertura para especulação agrária levou à produção de fortes discursos de que o progresso estava condicionado à urbanização, enquanto se dirimia a condição em que essas famílias expulsas do campo viveriam nas cidades. A ideia do trabalho do homem do campo como empecilho ao progresso e sinônimo de atraso é, segundo Comerlato (2010), um discurso amparado pela mídia e corrobora com o projeto de difusão de ideias de criminalização e ódio aos movimentos de luta pela terra. Essa disseminação de discursos de desqualificação de oprimidos já fora usada em outros momentos históricos, despojando-se, no discurso, as condições de desigualdade.

Observa-se, portanto, uma prática discursiva no intuito de desconstrução ideológica de uma identidade agrária, que vai sendo impregnada de caráter negativo frente ao progresso e vida moderna. Essas questões foram observadas nas várias referências, ao longo das inserções, sobre a dificuldade em manter jovens no Movimento e na militância. Uma das integrantes cita, por exemplo, o fato de que de 65 famílias em seu assentamento ser única jovem a permanecer na militância. A



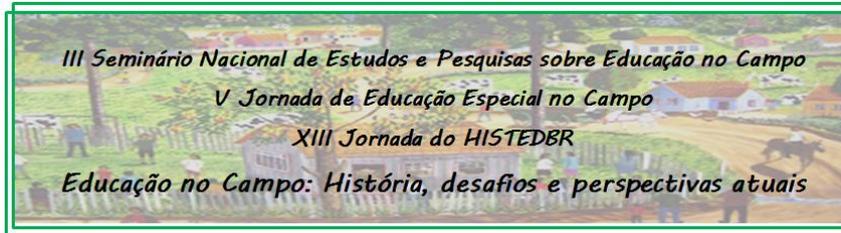
possibilidade de resistência a tais investidas ideológicas pode ser encontrada, contudo, na coletividade.

Outro aspecto levantado durante as inserções como potencialidade para resistir às investidas de desconstrução das identidades é a Educação desde a primeira infância. Uma das participantes relata o trabalho com brincadeiras, cirandas e a prática da Mística com as crianças, para que possam ir se fortalecendo na identidade militante e não façam a mesma escolha dos jovens da sua geração (ela tem 22 anos) que abandonaram a militância. Assim como, a luta pela educação no campo, uma educação que leve em conta o projeto socialista, a agroecologia, a militância e as práticas que fortaleçam a formação política dos sujeitos para que não abandonem a causa.

Esses são elementos necessários para que se dê a “concretização histórico-social” descrita por Comerlato (2010, p.31) que desvelará o caráter de alienação ou emancipação que pode ser assumido pelo sujeito dentro dessa coletividade. “Cada ser humano, homem e mulher, jovem ou adulto, é sujeito de direitos alienáveis. Todos, por sua participação, podem e devem ser construtores de seu destino pessoal e coletivo. É nisso que se revela a essência da natureza humana que é liberdade e criatividade.” (BOFF, 1998, p. 38).

Desse modo, as injustiças a que foram submetidos contribuem para desenvolver sentimento de pertença e identidade dentro dos Movimentos, justamente pela consciência dos direitos básicos de que são privados. (COMERLATO, 2010; BOFF, 1998).

Para Pelloso (1998) as dificuldades impulsionam o militante, porque é da reflexão sobre elas que se retira a motivação, o combate ao desânimo e desesperança da sociedade atual. Nessa jornada do ânimo militante, que costura essa identidade, há de se considerar vários aspectos sintetizados pelo autor: a esperança, de quem vê para além do agora e acredita na vitória futura; a valorização da vida, do ser humano e sua dignidade; busca de coerência nos diferentes âmbitos da vida sendo orientados pelos mesmos valores da crença e da luta; transformação da opressão em motivação sobre a necessidade de mudança; a Mística; resistência ao aprisionamento pelas estruturas; compromisso político por adesão voluntária e consciente; reconhecimento pelo trabalho e ação militante.



Sobre a busca pela coerência, o autor ainda destaca que ela deve levar suas convicções: na vida pessoal, nas atitudes, no cultivo da disciplina, no trabalho produtivo, na participação, na forma como realiza as atividades, nas mobilizações. Esse envolvimento se dá de maneira subjetiva e pressupõe os valores da Justiça e da Liberdade, não como postas pela sociedade liberal, mas como princípio humano (PELLOSO, 1998; COMERLATTO, 2010).

Portanto, se pressupõe o esforço do cultivo da identidade militante em todas as práticas do sujeito e na auto-avaliação das mesmas. Nesse sentido, Stédile, no programa *Provocações* (2013) declara que a forma dos Sem-terra constituíram sobre si uma visão da sociedade diferente da criminalização propagada pela mídia é pela Pedagogia do Exemplo, em todas as ações.

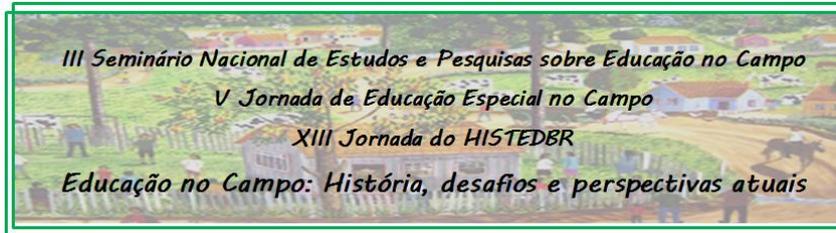
Sobre a construção da identidade militante e valorização da mesma por dar um novo sentido à vida das pessoas quando se colocam na coletividade, cabe destacar que:

Ao entrar para o MST, as pessoas mudam, não apenas de lugar social, mas também de posição de classe. Já não são mais consideradas indigentes, segundo o conceito sociológico, representando a exclusão total do indivíduo do processo de produção; passam a ser trabalhadores organizados com objetivos claros a serem alcançados. Ou seja, iniciam a construção do “próprio destino”, construindo-se a si próprios, pela organização de um novo modelo de produção na agricultura e de convivência social (BOGO, 2003a, p.154).

Projeto de Educação do MST

A educação do MST é diretamente ligada à construção ideológica do projeto de vida e sociedade almejado pelo Movimento (STÉDILE, FERNANDES, 2012; PROVOCAÇÕES, 2013).

A intenção é construir uma educação orgânica e algumas mobilizações são cruciais nesse sentido. O ensino técnico, por exemplo, vem da necessidade de formação de quadros próprios dentro da ideologia do MST para que se garanta a possibilidade de desenvolvimento de tecnologias próprias para a produção e evitar a cooptação do trabalho desenvolvido nos assentamentos pelo capital de grandes multinacionais (STÉDILE, FERNANDES, 2012). Bogo (2003a) ainda destaca que “o MST defende



que se deve levar os *conhecimentos científicos* para as áreas de reforma agrária, a fim de implementar um novo modelo de agricultura e uma nova consciência” (idem, p.160, grifos do autor).

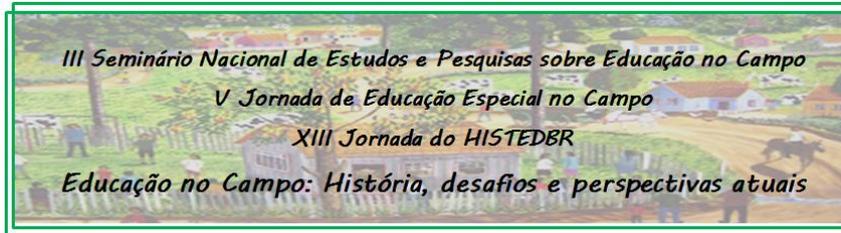
Entre as bases da educação do Movimento, Caldart (1997) destaca a importância da Utopia:

De nada adianta, para nossos objetivos maiores de transformação social, lutarmos por escolas diferentes e construir uma nova pedagogia, se isso não for inscrito num projeto de futuro e não ajudar a construir, nas novas gerações, a utopia e a convicção da possibilidade de mudanças. Isso tem a ver com a intencionalidade da formação política e ideológica, bem como com a inclusão de atividades curriculares que trabalhem a sensibilidade e os valores ligados a essa utopia. [...] é preciso incluir permanentemente essa preocupação nos coletivos pedagógicos, no sentido de encontrarmos as melhores formas de fazer isso em cada uma das frentes de trabalho educativo (CALDART, 1997, p. 46).

Ao longo das inserções, conversamos também sobre projeto de educação no campo, apontado como objetivo do Movimento, as intervenções feitas com as crianças desde muito pequenas para que fortaleçam sua identidade e possam também superar o preconceito. O discurso da desvalorização do campo e ideologia disseminada faz emergir a questão do fetichismo capitalista, no qual a valorização da própria vida da pessoa se emaranha a uma hierarquização cultural, social, de modos de produção e da vida que se ostenta. Substituem-se as tradições, as raízes, porque tudo deve ser consumível e descartável. As falas foram contundentes no sentido do assédio que o jovem camponês sofre e da violência que é impregnada à identidade campesina.

Ressaltaram-me a responsabilidade militante como maneira de defesa e resistência, o que tem a educação socialista como ferramenta. Ou seja, ações pretendidas com enfoque claro na direção em que se pretende formar, dentre as quais, a Mística.

Esta, dentro desse projeto de Educação é realizada desde a infância. Nesse período, a prática é diferente, pois as crianças são mais espontâneas. Quando as crianças aprendem a ler e escrever, conforme apontado nas inserções, ajudam a produzir os



cartazes. Um exemplo dessa prática é o evento dos Sem-terrinha. São práticas do trabalho de formação da identidade, conforme relatado nas inserções.

A Educação trata-se, portanto de um segmento formal e de grande importância dentro do Movimento, como se destaca na produção de materiais pedagógicos.³

No concreto, podemos ressaltar a formação das Cirandas dentro do próprio Movimento a partir da organização das mães a fim de suprir a necessidade de cuidado das crianças, trabalho no campo e participação nas mobilizações. Desse modo, as mulheres se organizaram de modo a se revezarem nesse cuidar e educar, para que todas possam também se dedicar às demais atividades (COMERLATTO, 2010).

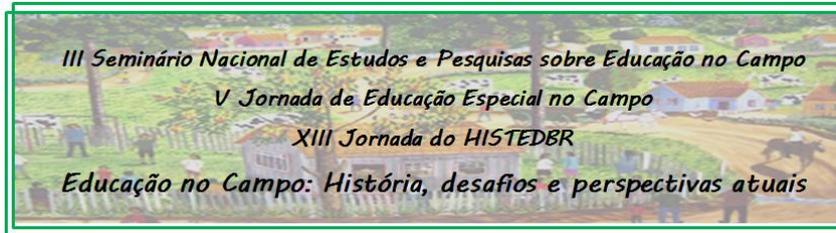
A questão da educação insere-se no âmbito da discussão da Educação no Campo. Nela é debatida uma escola que respeite e valorize a identidade agrária e em que as crianças e jovens não sejam expostos às práticas discursivas discutidas anteriormente e à violência simbólica que promovem, além da desmobilização das gerações futuras.

Ademar Bogo (2003a) ainda coloca outros âmbitos de formação Sem-terra, como as viagens, a participação em cursos, as marchas, as indicações de leitura, destacando que “a verdadeira formação deve multiplicar militantes, conhecimentos e práticas, mas, fundamentalmente, fortalecer o projeto político da classe trabalhadora.” (idem, p. 170).

Utopia e universo simbólico

Bogo (2003b) destaca que “A fonte da mística – é a prática social na busca da realização da utopia” (p.329, grifo do autor). A utopia é o que mobiliza o Movimento no sentido de uma Esperança ativa pela certeza de que é possível uma nova sociedade, sob horizontes igualitários e solidários, na qual sejam superadas as injustiças. A utopia não permite a estagnação histórica, porque alimenta visionários que buscam essa transformação.

³ No site <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca> são disponibilizados vários materiais produzidos sobre e pelo Movimento, além de assuntos referentes à Reforma Agrária, produção agrícola, etc. Também são disponibilizadas várias cartilhas e materiais de formação produzidos pelo Núcleo de Educação.



Sobre a relação da utopia e da Mística, Boff (1998) destaca que a prática alimenta “o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança frente aos fracassos históricos.” (BOFF, 1998, p.36).

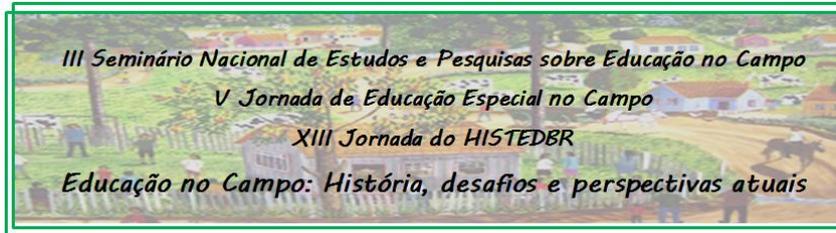
Os símbolos fortalecem o caráter de identidade nessa construção da utopia. Stédile e Fernandes (2012) destacam que a unidade da organização exige o simbólico porque este sustenta a ideologia de maneira mais profunda, arraigando-se à subjetividade e adesão voluntária dos sujeitos à causa.

Durante as inserções, também se ressalta a questão dos símbolos, reconhecendo a Mística como um espaço para trabalhar seus significados e como constituem a história do Movimento.

Comerlato (2010) argumenta sobre o sentimento de igualdade cultivado pelos símbolos, porque neles as pessoas se reconhecem, dado o fortalecimento da identidade. Bogo (2003b) apresenta ainda a riqueza e condensação de sentidos que os símbolos permitem, uma vez que o mesmo elemento pode assumir valores pessoais significativos dentro da ideologia do Movimento, mas convergentes no sentido de fortalecimento identitário.

Na Mística de abertura do evento Abril Vermelho, foi possível identificar a potência simbólica. A escolha do vídeo e dos elementos (música/ velas/ poesia “Pedagogia dos açoes, de Piedro Terra/nomes/ posicionamento das bandeiras/ escuridão) formaram um conjunto de forte representação de luto e memória e a leitura dos nomes e apagar das velas provocou um efeito de reflexão. O apagar da vela ligado ao nome levou a pensar serem mais que substantivos, serem pessoas. Pessoas que deixaram de existir. Pessoas e fatos reais, numa luta contemporânea e tão pouco discutida (ou muito difamada) em nosso país.

Quando as velas se apagam e fica a escuridão e o momento de breve silêncio, essa reflexão se intensifica. Cantar o hino após esse momento de luto e memória rompe com a imobilidade que o ato cênico conseguiu produzir, lembra o que fazíamos ali, o motivo do evento e a existência de quem persiste em luta. Há a potência de comoção que a Mística carrega em si e nessa questão de ter feito algo em conjunto, como é a



perspectiva de luta pela Reforma Agrária e a possibilidade de uma produção em cooperativa.

A dimensão da Arte: processo de criação e ação do trabalhador

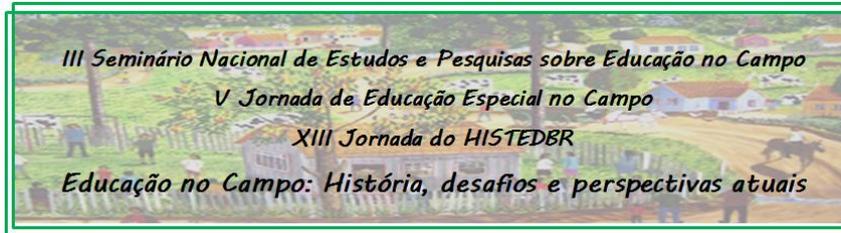
Ademar Bogo discute conceitos a partir de personagens, entre os quais, a Cultura, compreendida como “o esforço que o ser humano faz para produzir sua existência [... sendo] o ato de fazer representa a cultura, o ato de refletir representa a consciência.” (BOGO, 2003a, p. 165) É característica humana de expandir suas necessidades para além dos aspectos biológicos, ampliando-a à subjetividade, ao social, ao estético, desse modo, Cultura alia-se também à consciência refletida (BOGO, 2003a).

Os personagens criados por Bogo (2003a) apresentam os níveis de consciência inferior e consciência superior, sendo a primeira para reprodução de condições de existência em si apenas e a segunda relacionada à busca de compreensão da realidade e novas formas de se postar nela, consciência para-si.

Nesses dois níveis, há diferentes “consciências” a serem desenvolvidas no âmbito de formação do Movimento, entre as quais, a consciência estética. Esta possui ligação intrínseca com a subjetividade e com o desenvolvimento da sensibilidade para o belo nas diferentes linguagens. O autor expõe ainda que é preciso desenvolvê-la porque o aspecto cultural estabelecido abre maiores possibilidades não apenas da reflexão e compreensão da vida num sentido de totalidade, que são atrelados à coerência, como também à adoção de valores, intelectuais e práticos, condizentes (BOGO, 2003a; 1998).

Stédile e Fernandes (2012) corroboram com essa visão afirmando a “compreensão de que o MST deve lutar contra três cercas: a do latifúndio, a do capital e da ignorância” (p.77). Compreendemos, então, que deve ser devolvido ao trabalhador o direito de alimentar também sua consciência superior no tocante à estética.

A dimensão artística da Mística proporciona contato com produções humanas das quais, muitas vezes, os trabalhadores são excluídos, pois se tornaram eruditas. Também estabelece a conexão com a capacidade de recriação da realidade possível pela Arte, das novas formas de expressão da mesma ou a partir dela. Nesse contexto, a Beleza é posta como um valor importante a ser trabalhado na Mística (PELLOSO, 1998; BOGO, 1998; COMERLATTO, 2010).



Bogo (1998) destaca ainda a importância da criatividade, outra característica humana da qual muitas vezes as pessoas são expropriadas. Na Mística é retomado o cotidiano, mas este deve ser caminho para construção de relações mais humanizadas/humanizadoras, considerando também, dentre as produções artísticas, resgatar e alimentar a ideologia e valores do Movimento.

Considerações

As hipóteses iniciais sobre o fortalecimento da identidade militante e coletiva se confirmaram ao longo das inserções e leituras realizadas. Assim como, o processo de reconhecimento de que, enquanto construções humanas, o Movimento e o coletivo formado pelo grupo da Pedagogia da Terra enfrentam as contradições cotidianas.

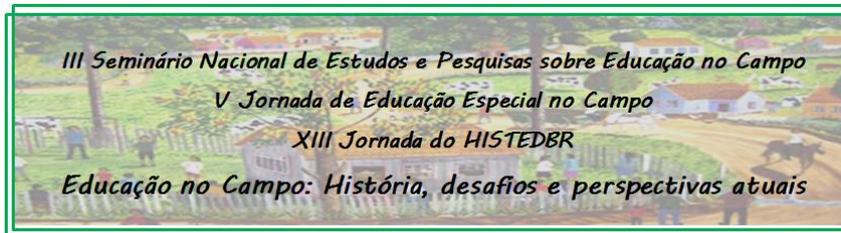
Passa-se então à necessidade de reflexão acerca da condição humana, da constituição do trabalho enquanto um de seus elementos, a construção histórica das desigualdades e como as pessoas podem ser alienadas do seu direito à cultura, de suas raízes e de condições de trabalho e acesso à terra, enfim, do direito à dignidade.

Assim como o reconhecimento de que a imobilidade não é regra, e sim uma condição mais difícil de romper na ação individual, mas possível de ser vencida com articulações coletivas. Ações difíceis se permanecerem apenas na dimensão cotidiana, ou de uma visão em si, como discutidas por Bogo (2003a). Porém, apesar de exercício difícil, necessário e justificado quando considerada a formação coletiva, que é capaz de considerar a totalidade e a necessidade de luta para mudanças, na constituição de uma sociedade na qual as relações se postem como verdadeiramente humanas.

Referências

BOGO, Ademar. Como melhorar a nossa Mística. In: Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. **Caderno de Formação** N° 27, MST, 1998. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/caderno-de-estudo/caderno-de-forma%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-27-m%C3%ADstica-uma-necessidade-no-trabalho-popular-e> Acesso em: 18 mai 2015.

_____. A arte de formar seres humanos. In: **Arquitetos dos sonhos**. São Paulo, 2003a. (p. 151-200)



_____. A força que vem da Mística. In: **Arquitetos dos sonhos**. São Paulo, 2003b. (p. 301-349)

BOFF, Leonardo. Alimentando a nossa mística. In: Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. **Caderno de Formação** Nº 27, MST, 1998. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/caderno-de-estudo/caderno-de-forma%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-27-m%C3%ADstica-uma-necessidade-no-trabalho-popular-e> Acesso em: 18 mai 2015.

CALDART, Roseli Salette. **Educação e movimento**: formação de educadoras e educadores no MST. Petrópolis: Vozes, 1997.

COMERLATO, Giovani V. **A dimensão educativa da Mística na construção do MST como sujeito coletivo**. 2010. 210f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010. Disponível em: www.bvseps.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=536 Acesso em: 20 abr 2015

PELLOSO, Ranufo. A força que anima os militantes. In: Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. **Caderno de Formação** Nº 27, MST, 1998. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/caderno-de-estudo/caderno-de-forma%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-27-m%C3%ADstica-uma-necessidade-no-trabalho-popular-e> Acesso em: 18 mai 2015.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, co-edição Fundação Perseu, 2012.

PROVOCAÇÕES. Apresentado por Antônio Abujamra. São Paulo: TV Cultura, 08 jan. 2013. Duração: 24 min. Entrevista com o líder do MST João Pedro Stédile. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rf_oVhMBtx8 Acesso em: 21 mai 2015.